

O SOPRO DE DEUS E A DESTRUIÇÃO EPIFÂNICA DO AMOR NO POEMA ANNABEL LEE

Márcia Sueli P.da Silva Schneider*

RESUMO: Apesar de Edgar Allan Poe ter-se tornado conhecido por seus contos, nos quais há um mergulho no subconsciente do indivíduo, o autor via a poesia como uma forma para exercitar o coração e a alma. Assim, este artigo tem como objetivo apresentar uma análise do poema *Annabel Lee*, evidenciando os aspectos de epifania, representados pelo simbolismo durante o poema, que nos permite mergulhar no fluxo de sua consciência e nos aproximar de suas emoções e sentimentos.

PALAVRAS-CHAVE: sopro, destruição, epifania

ABSTRACT: Although Edgar Allan Poe has become known for his stories, where there is a diving in the subconscious of the individual, the author saw the poetry as a way to exercise the heart and soul. So, this article aims at presenting an analysis of Poe's poem - *Annabel Lee*, showing up the aspects of epiphany that are represented by symbolism during the poem, and which allow us to immerse in the flow of his consciousness, getting nearer to his emotions and feeling.

KEY WORDS: blow, destruction, epiphany

INTRODUÇÃO

O crítico, contista e poeta norte americano, Edgar Allan Poe, nasceu em Boston, Norte dos EUA, em 1809. Filho de atores de teatro tornou-se órfão em tenra idade, sendo adotado por um exportador de tabaco e criado em Richmond, Sul da Virgínia.

Poe especializou-se em escrever contos e poemas. Deve-se ao autor a criação de gênero policial com seus contos de raciocínio e dedução, como também, o mérito de ter renovado o conto de terror, mistério e morte, introduzindo-lhe o fator científico, deixando-lhe mais verossímil e mais assustador.

O autor concentrava-se no terror interior, do íntimo, da alma, do ser. Seus personagens sofriam de um terror vindo de dentro de si, suas próprias fobias e pesadelos, que, na maioria das vezes, eram um retrato do próprio autor. Como aponta Nabuco (2000), sua mente doentia, pois confessadamente teve crises de desvarios, começou a ser construída com a morte de seus pais biológicos, com a morte de sua mãe adotiva, e pelo desafeto com seu pai adotivo.

* Professora doutora da Fundação Universidade Federal do Tocantins.

As mortes prematuras, a doença mental de sua irmã, a extrema penúria que o acompanhou parte da vida, seus traumas sexuais, contribuíram para formação poética de sua alma. Tudo ocorria para exacerbar-lhe à sensibilidade e povoar-lhe a mente com terrores e alucinações intensas. O medo existente em seus contos é verdadeiro. Em Poe, sempre houve uma dicotomia psíquica, marcadora de sua personalidade. Sua inteligência aguda e racionalista, sua intuição poética e raciocínio matemático, sempre o ajudaram a direcionar seus terrores e fobias para suas obras.

Sendo um homem destroçado pelo destino, sua alma se dividia em um matiz angelical e satânico. O autor tinha consciência de seus vícios e defeitos e os retratava em seus personagens com pesar, lamento e dó. Os mistérios da mente e da morte constituem os principais temas de sua obra. Como aponta Moraes (s.d), os terrores descritos com impressionante realismo são gerados na própria mente do personagem, e a realidade é vista por meio desse terror e por ele deformada.

Conforme afirma Jacques Cabou (apud MORAES, [s.d]), Poe “não colocava um indivíduo normal em um universo inquietante, mas sim, um indivíduo inquietante em um universo normal, pois nada acontecia ao personagem, era ele que acontecia ao mundo. O herói é medusado em sua própria visão, que uma vez apanhado em seus próprios mecanismos da fascinação, é arrastado às engrenagens da obsessão”

Na época em que o espiritismo e o magnetismo começavam a se desenvolver na América do Norte, Poe valeu-se desses argumentos e povoou suas obras com novas sensações e angústias, em que a reencarnação, hipnotismo e mesmerismo estavam sempre presentes. Em seus contos, há um mergulho nas profundezas da alma humana, nos estados mórbidos da mente e nos desvãos do subconsciente.

Apesar de ter se tornado conhecido por seus contos, como, por exemplo, *The Cask of Amontillado*, *The Black Cat*, *The Fall of the House of Usher*, Poe foi antes de tudo um poeta. De todos os seus trabalhos, a poesia foi sua maior paixão. O autor achava que a poesia era para ser escrita para a mente e o corpo, e que deveria servir ao intelecto, exercitar o coração e a alma, e mostrar a beleza acima de tudo. Ele acreditava que a beleza seria melhor apresentada por meio da melancolia, ou seja, o que seria mais doloroso para o homem que a perda da mulher amada?

Em seus poemas, o autor idealiza o amor e coloca o objeto de sua afeição em um pedestal, com uma beleza sobrenatural, quase tão perfeita e divina. O objeto de sua afeição é indubitavelmente sempre jovem, inocente, bela, desejada, inacessível, morta ou em agonia. Contudo, isso não reduz o ardor e a devoção ao objeto de sua afeição.

Um dos poemas que retrata esse amor idealizado é o poema *Annabel Lee*, escrito em 1849, dois anos após a morte de sua esposa, no qual expressa a intensidade do seu amor; amor esse, invejado pelos anjos.

O SOPRO DE DEUS E A DESTRUIÇÃO EPIFÂNICA DO AMOR

O termo *epifania*, de origem grega [epiphaneî], pode ser entendido em sentido religioso ou literário. Em seu sentido religioso exprime a aparição ou manifestação divina, mas, segundo Moraes (2006), aplicado à literatura, sugere o relato de uma experiência que a princípio se mostra simples e rotineira e, posteriormente, apresenta toda a força de uma inusitada revelação.

No poema *Annabel Lee*, o sentido de epifania se perfaz nos dois sentidos, em que a revelação, a manifestação e o poder divino se apresentam por meio do simbolismo no decorrer do poema.

Poe constrói o poema relatando a pureza do amor e devoção por sua amada, sendo correspondido por esta, a ponto de provocar inveja até mesmo nos seres mais celestes, que puramente espirituais, dotados de um corpo etéreo e aéreo, não poderiam revestir dos homens senão as aparências.

It was many and many a year ago,
In a kingdom by the sea,
That a maiden there lived whom you may know
By the name of Annabel Lee;
And this maiden she lived with no other thought
Than to love and be loved by me

I was a child and she was a child,
In this kingdom by the sea:
But we loved with a love that was more than love...
I and my Annabel Lee;
With a love that the winged seraphs of heaven
Coveted her and me

A inveja despertada por esse amor provocou a cólera das Divindades, que não suportando imenso sentimento, dedicaram-se em separá-los.

Poe expressa o poder divino por meio do uso simbólico da nuvem e do vento. De acordo com Chevalier & Gheervrant (1999, p.635;648), a nuvem, de natureza confusa e mal definida, com qualidades apoteóticas e epifânicas, precede as revelações importantes, isto é, é o prelúdio da manifestação. Essa afirmação também pode ser percebida no Êxodo (capítulo 19, versículo 9) quando o Senhor responde a Moisés “(...) Brevemente virei a ti numa nuvem escura, para que o povo me ouça falar contigo, e te creia para sempre. (...)”.

Segundo os autores, o vento, que nas tradições bíblicas representa o “sopro de Deus”, anuncia sua chegada, mas também é instrumento de força divina, dá vida, castiga e ensina, e assim como os anjos, é portador de

mensagem. Sendo assim, o vento é a “manifestação de um Divino que deseja comunicar as suas emoções, desde a mais terna doçura até a mais tempestuosa cólera” (CHEVALIER & GHEERVRANT,1999, p.936).

**The angels, not half so happy in heaven,
Went on evying her and me...
Yes! That was the reason (as all men know,
In this kingdom by the sea)
That the wind came out of the cloud by night,
Chilling and killing my Annabel Lee.**

Entretanto, nem a força Superior, tão pouco os demônios do mar, que o autor utiliza simbolicamente para se referir aos “parentes”, não conseguiram acabar com esse amor, que transcendia toda a essência do ser.

**But our love it was stronger by far than the love
Of those who were older than we...
Of many far wiser than we...
And neither the angels in heaven above,
Nor the demons down under the sea,
Can ever dissever my soul from the soul
Of the beautiful Annabel Lee.**

Conforme apontam Chevalier & Gheervrant (1999, p.46-47):

[...]O amor é a pulsão fundamental do ser, a libido, que impele toda existência a se realizar na ação. É ele quem atualiza as virtualidades do ser. Mas essa passagem ao ato não se produz senão pelo contato com o outro, por uma série de trocas materiais, sensíveis, espirituais, que são igualmente choques. O amor tende a vencer antagonismos, a assimilar forças diferentes integrando-se em uma mesma unidade. [...] O eu individual segue a evolução análoga à do universo: o amor é a busca de um centro unificador que permitirá a realização da síntese dinâmica de suas virtualidades. Dois entes, que se entregam e se abandonam, reencontram-se um no outro, mas elevados a um grau superior de ser, se a doação tiver sido total, e não apenas limitada a um certo nível de sua pessoa, que é, na maioria das vezes, carnal. O amor é fonte ontológica de progresso, na medida em que é efetivamente união, e não só aproximação. [...]

Contudo, mesmo estando sua amada em um local que nenhum mortal é capaz de alcançar, lugar este, morada das Divindades e dos Bem Aventurados, suas almas se aproximam com o nascimento da lua.

Para Chevalier & Gheervrant (1999, p.561), a lua, símbolo da transformação e crescimento, conhece uma história semelhante à do homem - nascimento e morte, contudo sua morte nunca é definitiva. Para

o homem, a lua representa a passagem da vida à morte e da morte à vida; exprime o sonho e o inconsciente, bem como os valores noturnos. Citando Plutarco (apud CHEVALIER & GHEERVRANT, 1999, p. 565-566), os autores afirmam que a lua “[...]é a morada dos homens bons depois da sua morte. Levam aí uma vida nem divina, nem feliz, mas, contudo, isenta de preocupação, até a segunda morte. Porque o homem deverá morrer duas vezes. Assim, a Lua é a morada dos humanos entre a desencarnação e a segunda morte, que será o prelúdio do novo nascimento”.

Poe representa esse nascimento por meio da estrela, que costuma reter, sobretudo sua qualidade de luminar, de fonte de luz. Seu caráter celeste faz com que ela seja também símbolo do espírito e, particularmente, do conflito entre as forças espirituais (ou de luz) e as forças materiais (ou das trevas). As estrelas transpassam a obscuridade; são faróis projetados na noite do inconsciente.

De acordo com a Sagrada Escritura, as estrelas obedecem às vontades de Deus e, eventualmente, as anunciam. Daniel, capítulo 12, versículo 3, quando descreve o que haveria de ocorrer aos homens no momento da ressurreição, usa justamente o símbolo da estrela para caracterizar a vida eterna dos justos: a ascensão para o estado de estrelas celestes. “[...]Ora aqueles que tiverem sido doutos, esses resplandecerão como os fogos do firmamento: e os que tiverem ensinado a muitos o caminho da justiça, esses luzirão como as estrelas por toda a eternidade”.

Segundo Chevalier & Gheervrant (1999, p.409), por estar estreitamente ligada ao céu, a estrela evoca também os mistérios do sono e da noite; simboliza a inspiração que vem materializar-se, ou seja, traduzir os desejos até então, inexprimíveis, e para resplandecer com seu brilho pessoal, o homem deve situar-se nos grandes ritmos cósmicos e harmonizar-se com eles.

Assim, enquanto espera o momento para poder se reencontrar com sua amada, sua alma vive em um túmulo, reservatório da vida, lugar de metamorfose do corpo em espírito ou do renascimento que se esboça; abismo no qual o Ser é devorado pelas trevas passageiras e fatais.

Para Chevalier & Gheervrant (1999, p.915), o túmulo revela a existência de um cemitério interior: desejos insatisfeitos, amores perdidos, ambições frustradas, dias felizes desaparecidos. Entretanto, a morte aparente não é, psicologicamente, uma morte total, pois uma obscura existência mantém-se no túmulo do subconsciente. Citando Aeppli (apud CHEVALIER & GHEERVRANT, loc. cit.), os autores explicam que aquele que sonha com mortos está

[...] à procura de um mundo que ainda encerra alguma vida secreta para ele; e para lá vai quando a vida não oferece saída, quando conflitos existenciais o mantêm prisioneiro sem lhe apresentar

soluções; então, pedirá uma resposta às suas dúvidas à beira do túmulo daqueles que levaram muito dessa vida para sombrias profundezas da terra. Assim, estará se voltando para um símbolo forte e grave, a fim de recuperar o vigor através do que parece inerte, mas é imenso e prodigioso, pois a morte também é vida.

Para Jung (2000a, 2000b), o túmulo é o abismo no qual o ser é devorado pelas trevas passageira e fatais, mas também é associado ao lugar da metamorfose do corpo em espírito ou do renascimento que se esboça.

No poema, Poe representa a renovação da dinâmica da vida, simbolizando-a pelo mar, lugar de nascimentos, transformações e renascimentos, pois, “tudo sai do mar e tudo retorna a ele” (CHEVALIER & GHEERVRANT, 1999, p.592). Nesse sentido, pode-se compreender que o mar representa um estado transitório entre as possibilidades ainda informes de ambivalência, que é a de incerteza, de dúvida, indecisão, e pode-se concluir bem ou mal. O mar tem a propriedade divina de dar e tirar vida, e, de simbolizar o mundo e o coração humano enquanto lugar das paixões.

For the moon never beams, without bringing me dreams
Of the beautiful Annabel Lee;
And the stars never rise, but I feel the bright eyes
Of the beautiful Annabel Lee;
And so, all the night-tide, I die down by the side
Of my darling... my darling... my life and my bride,
**In the sepulcher there by the sea,
In her tomb by the sounding sea.**

Apesar de Poe ter-se tornado conhecido pelo gênero tétrico apresentado em seus contos, por vezes sombrios, pode-se notar, contudo, na construção do poema que o autor utilizou a aliteração do fonema /s/ para expressar a movimentação dos ventos e da assonância da vogal /e/ aos finais das estrofes garantindo assim, o ritmo e a musicalidade no decorrer do poema. Os tons graves e quase sobrenaturais caem um a um como lágrimas monótonas, levando-nos a um mergulho no fluxo da consciência do poeta, a uma maior aproximação de suas emoções e sentimentos íntimos revelados por meio do seu lirismo.

REFERÊNCIA

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Trad. Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro: BARSÁ, 1972. Edição Ecumênica.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 13.ed. Rio de Janeiro: José Olympo, 1999.

JUNG Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. vol. IX/I. Petrópolis: Vozes, 2000a
Disponível em <http://www.scribd.com/doc/2571790/Carl-Gustav-Jung-Os-Arquetipos-e-o-Inconsciente-Coletivo> . Acessado em 10/08/2008

JUNG Carl Gustav. *A vida simbólica*. vol. XVIII/II. Petrópolis: Vozes, 2000b

MORAES, Vera Lúcia Albuquerque. O imaginário dos afetos nos contos de Laços de Família. *Revista de Letras*. Vol. 1/2, n.28, p.78-83, jan./dez. 2006

MORAES, Eliane Robert. Edgar Allan Poe: criador de histórias extraordinárias. Disponível em <http://br.geocities.com/edterranova/poe.htm>. Acessado em 08/07/2008.

NABUCO, Carolina. *Retrato dos Estados Unidos à luz da sua literatura*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

POE, Edgar Allan. *Annabel Lee*. Disponível em <http://www.poemhunter.com/poem/annabel-lee/>. Acessado em 05/07/2008

ANEXO 1- ANNABEL LEE by Edgar Allan Poe

It was many and many a year ago,
In a kingdom by the sea,
That a maiden there lived whom you may know
By the name of Annabel Lee;
And this maiden she lived with no other thought
Than to love and be loved by me.

I was a child and she was a child,
In this kingdom by the sea;
But we loved with a love that was more than love-
I and my Annabel Lee;
With a love that the winged seraphs of heaven
Coveted her and me.

And this was the reason that, long ago,
In this kingdom by the sea,
A wind blew out of a cloud, chilling
My beautiful Annabel Lee;
So that her highborn kinsman came
And bore her away from me,
To shut her up in a sepulchre
In this kingdom by the sea.

The angels, not half so happy in heaven,
Went envying her and me-
Yes!- that was the reason (as all men know,
In this kingdom by the sea)
That the wind came out of the cloud by night,
Chilling and killing my Annabel Lee.

But our love it was stronger by far than the love
Of those who were older than we-
Of many far wiser than we-
And neither the angels in heaven above,
Nor the demons down under the sea,
Can ever dissever my soul from the soul
Of the beautiful Annabel Lee.

For the moon never beams without bringing me dreams
Of the beautiful Annabel Lee;
And the stars never rise but I feel the bright eyes
Of the beautiful Annabel Lee;
And so, all the night-tide, I lie down by the side
Of my darling- my darling- my life and my bride,

In the sepulchre there by the sea,
In her tomb by the sounding sea.